



João Paulo Tiago

## **"Odeio português" e novas estratégias de leitura**

**Rejane H Neves**

*É formada em Letras, licenciatura plena em língua portuguesa, pela UNI-BH. Cursou extensão universitária em Neurolinguística e Introdução à semiótica. Atualmente, cursa na UFGM, especialização em Língua Portuguesa - Leitura e Produção de Textos e especialização em Temas Filosóficos.*

Em março de 2007, comecei a direcionar minhas aulas particulares de português para a leitura e a produção de textos. Depois de acompanhar vários adolescentes em estudos de diversas matérias interpretativas (geografia, história, ciências), percebi que meu trabalho deveria ser o de despertar sua capacidade de leitura. Comecei, então, esse trabalho com alunos de sétima e oitava séries do Ensino Fundamental. Todos eles, no primeiro contato comigo, chegavam dizendo que

detestavam ler e odiavam português. A professora dessa disciplina era considerada a mais chata do colégio. Na verdade, essa percepção está bastante enraizada, pois escuto de meus filhos o mesmo discurso. Eles sempre dizem que é inútil aprender se a oração é subordinada ou coordenada e criam resistências à Língua Portuguesa em geral.

Sem que eles percebessem que a aula já estava começando, a partir da construção de argumentos, eu ia colocando pontos positivos relativos à professora, à disciplina, à escola e finalizava com a questão da leitura. Eles ficavam surpresos quando eu dizia que tudo o que eles tinham me falado sobre Língua Portuguesa era uma leitura: era a maneira com que eles enxergavam o processo de ensino da língua materna. Propositadamente, eu ia construindo expressões faciais e corporais e observando a reação dos alunos. Em seguida, conversava com eles sobre o que tinha ocorrido mostrando a necessidade de leitura dos gestos e das expressões que o mundo nos oferece. Procurei sempre uma maneira bem descontraída e divertida de trabalhar. Os adolescentes não gostam de muita formalidade e rigor. Muita teoria espanta os leitores de tela e texto ainda em fase de formação.

Dessa forma, as aulas fluíam bem. Eu também fazia leitura da postura com que o aluno se apresentava (preguiça, cansaço, sono etc.). Comentávamos sobre a leitura feita por mim. Em alguns momentos, eles também faziam expressões propositadamente. Introduzi leituras de poemas, notícias trágicas, textos filosóficos etc. Nessa atividade, os alunos deveriam perceber que as expressões e o tom de voz ajudam a construir o sentido do texto. Depois, fui mostrando que o local onde o texto circula também influencia na produção de sentido. Isso significa ler códigos, sinais e imagens. Percebi que já havia, por parte deles, um maior interesse pela leitura. O trabalho de ler o mundo e a vida real vai quebrando a resistência do adolescente à leitura do texto. Outro detalhe muito importante é que eles precisam ser tratados como pessoas capazes e autônomas. A auto-estima é muito eficaz para despertar o interesse pela leitura e, sendo aula particular, é possível trabalhar com o interesse individual do aluno. A música e a internet, comuns a todos eles, é um excelente material de trabalho. A música já é mais explorada nas escolas, mas a internet é pouco utilizada como meio de leitura.

Eu também ainda não tinha experimentado trabalhar com a internet em minhas aulas particulares, até que um aluno me enviou uma propaganda que circulava no *YouTube*, propondo uma discussão a respeito. Tratava-se de uma interpretação difícil que rendeu muito assunto. Esse aluno me deu uma nova direção para as aulas: sua atitude, de me enviar a propaganda, já

demonstrou uma mudança de seu olhar em relação ao que acontece no mundo. Ele já percebia que sempre há muito para se ler na imagem. Desde então, sempre utilizo imagens para falar de leitura e de interpretação. Peço aos alunos que escolham uma imagem para a aula seguinte e vou intercalando a ela os conceitos didáticos. É notável o crescimento da atenção dedicada às aulas. A não rigidez e a participação total deles os tornam mais atentos às aulas.

Depois de explorar bastante a leitura do mundo deles, foi mais fácil trabalhar a leitura dos livros propostos pela escola. Eu já não ouvia mais ninguém dizendo que detestava ler e sempre sugeria que eles extrapolassem a escrita do texto e lessem algo mais que estava pressuposto nas histórias. Com essa mesma abordagem, discutíamos propagandas de TV, novelas e filmes. Quando um aluno demonstrava interesse por determinado filme, eu sugeria aos demais que o assistissem para discutirmos na aula. Um aluno não conhecia o outro, mas o trabalho era em rede e eles sabiam disso. Sabiam que alguém tinha sugerido determinado tema para a aula e que os outros também interpretariam esse tema. As experiências eram trocadas sem mencionar nomes e eu deixava claro que também estava aprendendo coisas novas. Tornamo-nos um grupo de aprendizes. Eu relatava a percepção de um e de outro para que eles pudessem perceber as variações das leituras, pois o contexto do mundo atual é muito dinâmico e visual e os alunos precisam processá-lo de forma consciente.

A partir desse trabalho, foi possível desenvolver a capacidade de interpretar e sintetizar o que se lê, aumentando a competência em estudo de disciplinas que necessitam de produzir sínteses do conteúdo estudado. Alguns alunos não voltaram no segundo semestre, mas recebi *feedback* das mães que estavam muito satisfeitas com a evolução dos filhos. Em relação aos que continuaram até o fim do ano, eu mesma pude acompanhar essa evolução, inclusive quando a escola recomendava livros para leitura. Já não havia a resistência inicial, eles liam com mais interesse e mais crítica. Com esses alunos, também foi possível trabalhar a produção de textos: um escrevia usando pseudônimo, eu digitava o texto e entregava para outro aluno criticar e opinar. Eles gostavam de saber que outra pessoa - alguém como eles, da idade deles e aluno - ia ler sua produção. Também gostavam de saber que eu, embora professora deles, ainda era aluna, fazia deveres de casa e era acompanhada por professores. Na realidade, eles gostavam de saber que éramos iguais em estágios diferentes.

Acredito que muito do que faço em aula particular pode ser feito em sala de aula convencional. É só adaptar. A leitura da tela da vida é das mais estimulantes para qualquer idade, principalmente para os adolescentes.